

Agência feminina: convergências entre Garfinkel e Beauvoir

AMARO XAVIER BRAGA JUNIOR*

Resumo: Construído de forma ensaística, discute as bases de construção do conceito de agência feminina por vias de dois autores: Harold Garfinkel e Simone de Beauvoir. Parte de uma hermenêutica transversal sobre: (1) a análise de Garfinkel feita sobre Agnes, um rapaz que se apresenta como mulher e participa de um estudo com o objetivo de realizar uma cirurgia de mudança de sexo; e (2) a análise da situação e discurso das lésbicas, feita por Beauvoir. Como chave analítica, propõe mediar a análise do entendimento da noção de agência feminina, por vias da noção de corpo e pela interface com a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty. Propõe uma correlação, enquanto construto analítico, no qual a percepção Identidade-Mente, seria interna e, a percepção Identidade-Papel, externa; enfatizando que, em ambos os casos, há uma situação mediada pela percepção, ora de um “eu”, ora de um “mim”.

Palavras-chave: Teoria da Agência; Fenomenologia da Percepção; Questões de Gênero.

Female agency: convergences between Garfinkel and Beauvoir

Abstract: Constructed in an essayistic manner, it discusses the foundations of the construction of the concept of female agency through of two authors: Harold Garfinkel and Simone de Beauvoir. It is part of a transversal hermeneutics about: (1) Garfinkel's analysis of Agnes, a boy who presents himself as a woman and participates in a study with the objective of performing a sex change surgery; and (2) Beauvoir's analysis of the situation and discourse of lesbians. As an analytical key, it proposes to mediate the analysis of the understanding of the notion of female agency, through the notion of body and through the interface with Merleau-Ponty's phenomenology of perception. It proposes a correlation, as an analytical construct, in which the Identity-Mind perception would be internal and the Identity-Role perception external; emphasizing that, in both cases, there is a situation mediated by perception, sometimes from a “me”, now from a “me”.

Key words: Agency Theory; Phenomenology of Perception; Gender issues.



* AMARO XAVIER BRAGA JUNIOR é Mestre e Doutor em Sociologia (UFPE), Mestre em Antropologia Social (UFAL). É professor efetivo do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas - UFAL.

Introdução

A discussão entre Estrutura e Agência é bem antiga na sociologia e vem envolvendo muitos teóricos que se preocuparam sobre quem é mais forte e\ou quem toma as rédeas que direcionam o comportamento: a estrutura social, com seus sistemas normativos ou padrões culturalmente definidos; ou, se o indivíduo é o gerenciador de seus próprios destinos e situações, um agente, isto é, aquele que age, toma as decisões e tem voz ativa.

Com os estudos feministas, o papel das mulheres começou a ser questionado de maneira a desenvolver uma visão feminina do Agente, ou, para simplificar, o que chamarei de “Agência Feminina”. Analisavam, sobretudo, como as mulheres agiam para reverter suas situações. Muitos destes estudos estavam relacionados à subjetividade ou se envolviam entre as discussões dos limites, do que, na sociologia, se convencionou chamar de debate entre Estrutura e Ação.

Depois do pioneirismo do trabalho de Marx (1975), são com os estudos do interacionismo simbólico que a figura de um indivíduo atuante, não totalmente submisso ao sistema social, aparece e se destaca. As raízes da imagem de um indivíduo – agente, naquele campo, denominado de “ator” ganha a atenção dos pesquisadores. Neste ambiente, ainda prevalece a imagem masculina do indivíduo – muito em decorrência das estruturas linguísticas predominantes que alimentaram a produção teórica.

Entretanto, veremos surgir mais adiante, algumas abordagens que começam a privilegiar o aspecto da ação do indivíduo, enfocando de certa forma, o ambiente feminino. Retomo aqui o exemplo de Harold Garfinkel no seu “*Estudos de Etnometodologia*”, que

faria, nos termos que Giddens (2000, p. 14) chamaria posteriormente de “Fluxo Contínuo da Conduta” ao analisar as intervenções causais e as condutas de indivíduos – a partir de suas conversas – na apropriação de padrões de comportamentos socialmente reconhecidos como femininos e sendo identificado através destes, mesmo não sendo um indivíduo feminino. De forma ainda rudimentar, o que se nota, é que a agência feminina foi inicialmente debatida pela voz de um indivíduo nascido homem e que migra sua identidade de gênero para se tornar mulher. Ora, Garfinkel descreve a intencionalidade de um agente em seu processo de feminilização e seu posterior reconhecimento social.

É notório que o debate concreto sobre a Agência Feminina será fomentada pelas autoras feministas ao explicitar a agência como “a nossa capacidade para tomar decisões e agir no mundo em ordem para mudá-lo” (FRANCIS, 2001, p. 68 *apud* MAGALHÃES, 2003, p. 06). Entre essas, com um dos trabalhos mais comentados e polêmicos, está Simone de Beauvoir, com seu livro “O Segundo Sexo”. Neste ensaio, Beauvoir rascunha, historicamente, o processo artificial de criação de uma imagem de “mulher” construída a partir de um conceito ideológico de “homem”. O pioneirismo de Beauvoir dedicando-se a pensar a condição feminina, é um dos fatores que me motivaram a selecionar seu texto para um exercício de comparação teórica em torno do conceito supramencionado. Obviamente, existem diversas críticas em torno do trabalho de Beauvoir e as próprias limitações oriundas pelo desenvolvimento e a atualização histórica dos estudos feministas sobre o tema. É necessário compreender que deste trabalho não pretende traçar um desenvolvimento histórico do conceito e suas respectivas contribuições pela voz

de outras autoras, mas percorrer um estudo comparativo para possibilitar a problematização sobre um conceito.

Para seguir com uma hermenêutica que se satisfaça no espaço limítrofe do artigo, foi necessário concentrar meus esforços na análise dos dois autores supracitados. A pessoa leitora mais atenta, talvez sinta falta de uma bibliografia atualizada que debata sobre a temática, principalmente, para esclarecer como as questões da agência e do feminino, vêm sendo discutidas do ponto de vista teórico dentro da epistemologia feminista. Nesse campo, sugiro consultar os trabalhos de Julie Nelson (1995), Becky Francis (2001), Judith Butler (2003) e Berenice Bento (2006).

Neste momento, enfatizo o aspecto de que a questão da autonomia e da transcendência a que Beauvoir se refere em seus estudos, pode ser identificada na questão da agência. Trata-se, portanto, de uma mediação entre os conceitos, haja vista, que a autora, não discutiu, propriamente, a noção de agência, em sua época.

Dessa forma, estabeleço uma relação no qual a agência feminina, seria constantemente debatida quando ela estabelece um diálogo das relações de poder que se constituíram em relação à mulher – em verdade, de falta de poder, de uma submissa subordinação – naquele momento histórico.

O que se pretende fazer a seguir é discutir a noção de Agência Feminina nestes dois trabalhos, apresentados de maneira transversal nos casos apresentados pelos autores, a saber: (1) a análise de Garfinkel feita sobre Agnes, um rapaz que se apresenta como mulher e participa de um estudo com o objetivo de realizar uma cirurgia de mudança de

sexo; e (2) a análise da situação e discurso das lésbicas, feita por Beauvoir. Estes dois capítulos foram escolhidos justamente por possibilitar, em minha perspectiva, um entendimento de como a agência feminina se estrutura socialmente, como procurarei demonstrar em sequência.

São através destas mulheres – que no senso comum, muitas vezes, não são reconhecidas como exemplos de mulheres naturais e “normais” - que os autores rascunham a tomada de decisões das mulheres e suas influências na ordem social com o objetivo de estabelecer uma mudança social. Um dos pontos interessantes é que o debate sobre a autonomia das mulheres perpassa, nestes autores, a apresentação destes casos.

A seguir, apresento, de forma resumida, cada uma destes casos.

A Agnes de Garfinkel – a percepção interna-externa na agência feminina

Para dar constituição a sua abordagem etnometodológica, Garfinkel retoma o funcionalismo estrutural de Parsons, rejeitando a proposta de hiper socialização e fundindo sua análise com as perspectivas Goffmanianas¹ pelo qual o Agente arquiteta suas ações, de modo a perceber o sentido da estrutura social dado pelos agentes e não por influências externas e com uma forte influência da fenomenologia de Schutz, ao enfatizar a questão do significado da vida subjetiva e percebendo a realidade como uma construção da mente humana (uma intersubjetividade). Aqui se estabelece uma associação direta: o conceito de intersubjetividade, refere-se, justamente, à existência de um mundo da vida anterior a qualquer subjetividade particular. E os métodos de propiciar esta observação, em alguma parte, foram

característica dessas tradições como parte integrante do interacionismo simbólico.

¹ Tomo a liberdade de fazer uma associação direta entre Garfinkel e Goffman. Ela é

mediados pela análise das conversações. Garfinkel procurou demonstrar a funcionalidade de sua teoria com estudos empíricos. Um destes dados empíricos mais famosos é sua análise das conversações com Agnes (ARMITAGE, 2001; RITZER, 1993; SCOTT, 2006). É notório que as apresentações sobre Agnes não se basearam na análise conversacional, afinal, etnometodologia e a análise conversacional não são sinônimos no campo metodológico. Ainda assim, se desenvolveu um

[...] corpo de conhecimento do senso comum e da gama de procedimentos e considerações [métodos] por meio dos quais os membros comuns da sociedade dão sentido às circunstâncias em que se encontram, e acham um caminho para seguir com base nestas circunstâncias e agir em conformidade com elas. (HERITAGE, [1984] *apud* RITZER, 1993, p. 103, tradução nossa.)²

Agnes se apresentou como uma jovem moça que nasceu com o corpo errado:

A aparência de Agnes era convincentemente feminina. Ela era alta, magra e feminina em forma. Suas medidas eram 38-24-38 polegadas. Ela tinha longos cabelos loiros escuros e um rosto muito

jovem com pele creme. Não tinha pelos faciais, suas sobrancelhas estavam nitidamente depiladas e não usava maquiagem, exceto batom. Em sua primeira aparição ela estava vestida com uma camisa justa que destacava seus ombros delgados, busto largo e cintura estreita. Seus pés e mãos, embora um pouco maiores que o normal para uma mulher, não eram notáveis. Sua maneira de se vestir não a distinguia em nada de uma garota típica de sua idade e classe. Não havia nada de chamativo ou exótico em suas roupas. Não havia indício de nojo ou de que ela se sentisse desconfortável com suas roupas, como é muito comum entre travestis e mulheres com problemas de identificação sexual. Sua voz, sintonizada em um tom alto, e seu discurso, mostrava uma cegueira ocasional semelhante àquela que afeta as mulheres quando imitam um homem homossexual. Suas maneiras eram apropriadamente femininas, com o leve desconforto típico da adolescência média. (GARFINKEL, 2006, p. 138)³

Garfinkel (2006) enfatiza ainda, que Agnes falava, andava, se vestia e gesticulava com uma adorável moça, apesar de não ter uma genitália condizente. O que os médicos

² No original: “[...]cuerpo de conocimiento de sentido común y de la gama de procedimientos y consideraciones [métodos] por medio de los cuales los miembros corrientes de la sociedad dan sentido a las circunstancias en las que se encuentran, hallan el camino a seguir en esas circunstancias y actúan en consecuencia” (HERITAGE, [1984] *apud* RITZER, 1993).

³ No original: “La apariencia de Agnes era convincentemente femenina. Era alta, delgada y de figura femenina. Sus medidas eran 38-24-38 pulgadas. Tenía el cabello largo rubio oscuro y un bonito rostro juvenil de piel color crema. No tenía vello facial, lucía las cejas cuidadosamente depiladas y no usaba maquillaje, excepto pintura labial. Em su primera aparición iba vestida con una camisa apretada que resaltaba sus hombros

delgados, busto amplio y cintura estrecha. Sus pies y manos, aunque algo más grandes de lo usual para una mujer, no eran notables. Su manera de vestir no la distinguía en nada de lo típico en una muchacha de su edad y clase. No había nada llamativo o exótico en su vestimenta. No había asomo de disgusto o de que se sintiese incómoda con su ropa, como suele ser muy frecuente entre travestis y mujeres con problemas de identificación sexual. Su voz, afinada a un tono alto, y su forma de hablar mostraban un ocasional ceceo similar al que afecta a las mujeres cuando imitan a un hombre homosexual. Sus maneras eran apropiadamente femeninas, con la leve incomodidad típica de la adolescencia media”. (GARFINKEL, 2006, p. 138)

demoraram a descobrir foi que a decisão de se tornar feminina foi uma ação processual, praticada ao longo de anos, de autorregulação com vistas a se socializar no corpo feminino, tal qual o processo de aprendizagem de um imigrante em uma sociedade hóspede (à moda da endoculturação, se preferir). Não se tratava de uma imposição social ou de regras de conduta impostas de fora para dentro, mas da perspectiva mental construída pela própria Agnes, que inclusive, tomava as pílulas de reposição de hormônio receitadas para sua mãe. Sua verossímil feminilização não foi o resultado da biologia ou de um processo de socialização, mas uma ação autorregulada de auto socialização que a levou a desenvolver uma constituição identitária, feminina, coletivamente reconhecida, mas que se prevalece a partir dos critérios individualmente estabelecidos (seus próprios valores e percepções do que é algo “feminino”). Se sua mente já era feminina, bastava convencer a sociedade que também possuía um comportamento condizente com sua mentalidade. Em outros termos, ser vista como mulher. Garfinkel (2006, p. 140) já se adiantava em perceber que Agnes era “uma mulher natural e normal”. O último estágio do processo, para completa mudança, seria o trato sexual, não da prática em si, mas da aparência de seus órgãos sexuais. Entre ter um pênis e uma vagina, estava o último estágio de sua metamorfose identitária. A validação de um ritual, já cumprido. E não o elemento principal para seu autorreconhecimento. Afinal, segundo suas próprias palavras: “Eu sempre quis ser uma menina; Eu sempre me senti como uma menina e sempre fui uma menina, mas o ambiente errado me

forçou a outra coisa.” (GARFINKEL, 2006, p. 149, tradução nossa)⁴.

Garfinkel rascunha em sua análise de Agnes, as mediações e impactos do Corpo na construção identitária de um indivíduo; em seu peso no estabelecimento dos papéis sociais e na constituição da situação de gênero. Mas, o que Garfinkel deixa transparecer é que apesar desta importância do corpo, ele não é soberano sobre a mente, a personalidade e a identidade. De certa forma, percebe que o corpo é uma plataforma submissa. Ele já percebe que existem “homens com vagina e mulheres com pênis” (GARFINKEL, 2006, p. 145). Estabelecendo parâmetros no qual a identidade da personalidade antecede o corpo-identidade.

As relações interpessoais alimentavam um conjunto de imagens arquetípicas do papel feminino, colhidos, em sua grande maioria, das práticas sociais do seu círculo de amizades e contatos familiares (a mãe, a tia e a prima):

Com seus colegas de quarto e círculos mais amplos de amigos, Agnes trocou informações sobre homens, festas e compromissos. Ela não apenas adotou poses de aceitação passiva durante sua instrução, mas também aprendeu o valor da aceitação passiva como uma característica feminina desejável. [...] Em tais ocasiões, Agnes era obrigada a viver de acordo com certos padrões de comportamento, aparência, habilidade, motivos e aspirações, ao mesmo tempo em que aprendia em que consistiam esses padrões. Aprender-los foi para ela um projeto de constante aperfeiçoamento

⁴ No original: “siempre quise ser una chica; siempre me he sentido como una chica y siempre he sido una chica, pero un ambiente equivocado

me ha forzado a otra cosa”. (GARFINKEL, 2006, p. 149)

peçoal. (GARFINKEL, 2006, p. 166)⁵

A interação com outros indivíduos levava Agnes a sentir como os contatos sociais exerciam pressão sobre seu comportamento. Práticas como a de “permanecer discreta”, não falar de seu passado, evitar assuntos que polemizassem as mudanças corporais sofridas, entre outros, eram evitados e suprimidos. Só nestas situações, em particular, eram os únicos momentos pelos quais o padrão de “anormalidade” de sua situação era sentido. Isto é, apenas com o contato com as regras sociais validadas pelo coletivo interferiam na mentalidade identitária de Agnes. Isto é, há um papel crucial da relatabilidade na reflexibilidade manifestada pelo indivíduo, principalmente, no que tange às determinações de gênero.

O que a etnometodologia de Garfinkel enfatizou foi o papel da linguagem como agente do processo de legitimação e autodeterminação da realidade social. Ou pelo menos, do papel impactante que tal aspecto tem sobre a constituição de um “membro” do grupo. Pois, para ser integrada, Agnes, precisava fazer inúmeras concessões adaptativas de seu estado de gênero. Agnes ao “evitar” falar daqueles assuntos, destacava a força que as palavras, dentro daquele contexto, teriam sobre sua situação. Tendo, inclusive, a capacidade de modificar seus padrões de normalidade.

Agnes manipulou os médicos e todos aqueles que a cercavam. Sua lábia foi vital para demonstrar o enriquecido

argumento de Garfinkel da “máscara” e da importância das “relações face-a-face”, continuamente reconstruídas a partir da interação entre os indivíduos e suas encenações de *scripts* sociais, nominados de Papel Social. A confusão de Agnes foi vital para Garfinkel compor sua narrativa teórica acerca dos limites equívocos entre aparência e realidade e de como o gênero se constitui a partir da lógica de uma “Atitude Natural” e, mais adiante, nos “*seen but-unnoticed background features*”⁶. E, mais adiante, de como seus pensamentos, ações e sua noção de conhecimento se (trans)formam em construção social. Garfinkel não faz mais do que extrapolar a objetivação fenomenológica de base Husserliana, resgatados posteriormente por Merleau-Ponty (1999). A ação de Agnes é a própria descrição fenomenológica de Merleau-Ponty pelo qual o entendimento e a experiência antecedem o conceito.

Mas, antes de fazer a intersecção da noção de “percepção” de Merleau-Ponty em Garfinkel, ou como este conceito perpassa a obra dos dois autores, procuro, a seguir, resgatar inferências proximais na obra de Simone de Beauvoir.

A lésbica de Beauvoir – a percepção externa-interna na agência feminina

Beauvoir produz, em seu “O Segundo Sexo”, uma literatura filosófica, de base analítica, que se preocupa em questionar o que é uma “mulher”. Para tanto, retoma criticamente os critérios defendidos de

⁵ No original: “Con sus compañeras de habitación y con círculos más amplios de amigas, Agnes intercambiaba informaciones sobre hombres, fiestas y citas. No solo adoptó poses de aceptación pasiva durante su instrucción, sino que además aprendió el valor de la aceptación pasiva como una característica femenina deseable. [...] En tales ocasiones a Agnes se le exigía que viviera de acuerdo a ciertos estándares

de conducta, apariencia, habilidad, motivos y aspiraciones ientras que simultáneamente estaba aprendiendo en qué consistían esos estándares. Aprenderlos era para ella un proyecto de constante superación personal”. (GARFINKEL, 2006, p. 166).

⁶ Isto é, as “características de fundo vistas, mas, não desapercebidas”, em uma tradução livre.

diversos pontos de vista: biológicos, psicológicos e históricos, para afirmar que “nem todo humano do sexo feminino é necessariamente mulher”. Já no início do segundo volume de seu trabalho Beauvoir (1949, p. 09) dispara:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.

E mais adiante, encontramos: “[...] a “verdadeira mulher” é um produto artificial que a civilização fabrica, como outrora eram fabricados castrados; seus pretensos “instintos” de coquetismo, de docilidade são-lhe insuflados, como ao homem o orgulho fálico” (BEAUVOIR, 1949, p.147). Rejeitando a tese biomédica, Beauvoir adentra no mundo da socialização, denunciando um processo de dominação de gênero pelo qual a categoria “outro” é constituída.

Nos dois volumes de seu livro clássico, certa consciência feminista se constrói, revelando ao leitor um estado pelo qual o “feminino” é construído, não totalmente pelas mulheres, mais a partir de uma negação do que é o “homem”, desta forma, a mulher seria o “outro”, um não-masculino, objetivado, idealizado e, portanto, construído. A mulher se determina e se diferencia em relação ao homem, e não o contrário. Os valores masculinos desenvolvidos em uma sociedade patriarcal determinam a condição feminina. Por fim, enfatiza que o *ethos* feminino tem se construído historicamente através de um processo contínuo de dominação e submissão.

Segundo Beauvoir (1949), a falta de oportunidade das mulheres tem lhes conferido um estado de

subdesenvolvimento (uma dificuldade de seguir do “ser em si” para o “ser para si”). Há uma crítica ao âmbito psicanalítico (Freudiano) pelo qual a mulher termina sendo um *ethos* patológico pelo qual as neuroses se desenvolvem. Nega as determinações biológicas e psicanalíticas que vinculam a personalidade à anatomia ou aqueles discursos de base evolucionista pelo qual a mulher passaria de um estágio clitoridiano para um vaginal ou ainda, àqueles no qual defendem a não naturalidade de uma virilidade feminina: “[...] o fato de que o organismo do homossexual macho pode ser perfeitamente viril implica que a virilidade de uma mulher não a impele necessariamente para a homossexualidade” (BEAUVOIR, 1949, p. 145).

Um dos elementos marcantes no “O Segundo Sexo”, foi inserir um capítulo sobre as lésbicas com o objetivo de discutir a questão feminina. Pensar a mulher como um todo, não rejeitando inclusive, aquelas mulheres, que aos olhos de muitos não as representam ou quando as mulheres rejeitam o papel feminino. Beauvoir (1949) vê a lésbica como expressão direta da situação social da mulher. As variações de sexualidade são vistas como ações deliberadas dos indivíduos para fugir dos processos de dominação de gênero: “A homossexualidade pode ser para a mulher uma maneira de fugir de sua condição ou uma maneira de assumi-la” (BEAUVOIR, 1949, p. 146). E, mais adiante, complementa:

A mulher que se faz lésbica porque recusa o domínio do homem, experimenta muitas vezes a alegria de reconhecer em outra a mesma amazona orgulhosa; [...] uma mulher que quer gozar de sua feminilidade em braços femininos, conhece também o orgulho de não

obedecer a nenhum senhor.
(Beauvoir, 1949, p. 159)

E ainda,

O que dá às mulheres encerradas na homossexualidade um caráter viril não é sua vida erótica que, ao contrário, as confina num universo feminino: é o conjunto das responsabilidades que elas são obrigadas a assumir pelo fato de dispensarem homens.
(BEAUVOIR, 1949, p. 161)

Em determinados termos a “vocação lésbica”, está sempre relacionada ao homem: “[...] *existem* dois tipos de lésbicas: umas ‘masculinas’ que ‘querem imitar o homem’, outras ‘femininas’ que ‘têm medo do homem’” (BEAUVOIR, 1949, p. 147). A variação da sexualidade heteronormativa destas mulheres fica determinada por uma relação dialética:

Uma pessoa dotada de uma vitalidade vigorosa, agressiva, exuberante, almeja despende-se ativamente e recusa ordinariamente a passividade; desgraciosa, mal constituída, uma mulher pode compensar sua inferioridade adquirindo qualidades viris; se sua sensibilidade erógena não está desenvolvida, ela não deseja as carícias masculinas. Mas anatomia e hormônios não definem senão uma situação e não põem o objeto para o qual ela transcenderá.
(BEAUVOIR, 1949, p. 145)

Os elementos de externalidade do indivíduo em seu contexto social, aparecem mais profundamente em seu texto. As razões e explicações para o *ethos* dos indivíduos femininos de gênero dissidente decorrem de uma necessidade de se apresentarem e se mostrarem ser aquilo que eles são — e não como os outros os veriam:

É difícil decretar, por exemplo, se é por gosto ou reação de defesa que tão amiúde ela se veste de maneira

masculina. Há certamente nisso, em boa parte, uma escolha espontânea. Nada é menos natural do que se vestir como mulher; sem dúvida, a roupa masculina é também artificial, mas é mais cômoda e mais simples, favorece a ação ao invés de a entrarvar; [...] cumpre acrescentar que um dos papéis desempenhados pelo adorno é satisfazer a sensualidade apreensiva da mulher; mas a lésbica desdenha o consolo dos veludos, da seda; como Sandor, ela os apreciará em suas amigas, ou o próprio corpo delas os substituirá. É também por essa razão que a lésbica gosta muitas vezes de bebidas fortes, de fumos fortes, de falar em linguagem rude, de impor a si mesma exercícios violentos: eroticamente ela partilha a doçura feminina, mas ama, por contraste, um clima sem pieguismos. Por esse expediente pode ser levada a comprazer-se na companhia dos homens. Mas aqui um novo fator intervém: a relação amiúde ambígua que mantém com eles. Uma mulher muito convencida de sua virilidade não querará senão homens como amigos e camaradas: essa segurança quase só se encontra naquela que tem interesses comuns com eles, que — nos negócios, na ação ou na arte — trabalha e vence como um deles. Gertrude Stein, quando recebia os amidos, só conversava com os homens e deixava a Alice Toklas o cuidado de entreter as mulheres. É com as mulheres que a homossexual muito viril terá uma atitude ambivalente: Despreza-as, mas tem diante delas um complexo de inferioridade como mulher e como homem; receia aparecer-lhes como uma mulher falhada, um homem inacabado, o que a conduz a exibir uma superioridade altiva ou a manifestar contra elas — como a travestida de Stekel — uma agressividade sádica. (BEAUVOIR, 1949, p. 162-163)

Apesar disso, Beauvoir reconhece que o caminho contrário é visível ao passo que a estrutura social, através dos sistemas normativos e o tabu cultural agem sobre o corpo alterando-o conforme suas próprias estruturas. As relações com o corpo aparecem como mediadores de comportamento ou como elementos influenciadores:

A lésbica poderia facilmente consentir na perda de sua feminilidade se com isso adquirisse uma virilidade triunfante. Mas não. Ela permanece evidentemente privada de órgão viril: pode deflorar a amiga com a mão ou usar um pênis artificial para imitar a posse: não deixa, contudo, de ser um castrado, mas pode sofrer profundamente. Inacabada como mulher, impotente como homem, seu mal-estar traduz-se às vezes por psicoses. [...] Amiúde a lésbica tentará compensar sua inferioridade viril por uma arrogância, um exibicionismo reveladores de um desequilíbrio interior. (BEAUVOIR, 1949, p. 152)

Ao recortar a essência feminina pelo viés dos indivíduos com gêneros dissidentes e sexualidades não normativas, Beauvoir coloca a própria existência delas como o fator preponderante para a constituição das formas de operação da agência feminina. Mesmo no caso das lésbicas, influenciadas pela sua psicologia, de alguma forma continuam submissas à heteronormatividade. Como? Pelo simples fato de absorverem e reproduzirem o comportamento, socialmente construído, como “masculino”. Quando Beauvoir afirma que as ligações entre as lésbicas se

constituem reguladas pelas convenções, não pelos níveis institucionais ou de costumes e, sim, por suas próprias escolhas, ela estabelece o ponto de convergência da Agência Feminina:

Na realidade, a homossexualidade não é nem uma perversão deliberada nem uma maldição fatal. *É uma atitude escolhida em situação*, isto é, há um tempo motivada e livremente adotada. Nenhum dos fatores que o sujeito assume com essa escolha — dados fisiológicos, história psicológica, circunstâncias sociais — é determinante, embora todos contribuam para explicá-la. É para a mulher uma maneira, entre outras, de resolver os problemas postos por sua condição em geral, por sua situação erótica em particular. (BEAUVOIR, 1949, p. 164, grifo nosso)

Feito esta breve explanação alguns pontos incisivos sobre as lésbicas no trabalho de Beauvoir, parto para uma inter-relação com os descritivos de Agnes em Garfinkel, utilizando como eixo analítico a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty.

Questões de “percepção do corpo” entre a Agnes de Garfinkel e a lésbica de Beauvoir

Muito do debate sociológico presente nos autores supracitados envolve, de alguma forma, a dicotomia Natureza (Biológica) versus Criação (Social). Até que ponto a questão biológica interfere ou (pré)determina parâmetros comportamentais e identitários. Entre estas discussões a questão do gênero e da sexualidade⁷ vem envolvendo muitos

⁷ As confusões acerca do contraste entre Gênero e Sexualidade são contínuas e reducionistas. Casos inúmeros têm sido divulgados desacreditando o aspecto da criação e envolvendo o âmbito do biológico, principalmente quando relacionados a cirurgias

de mudanças de sexo envolvendo crianças com má formação, castrações acidentais e/ou hermafroditas, em sua grande maioria relatados por médicos que não aceitam a abordagem socializadora. Ora, apesar de ser ariscado tal argumento, posso colocar que os fracassos,

pesquisadores que não só alimentaram uma plataforma empírica que, ainda hoje, sustenta muitas pesquisas, como ergueram construtos teóricos que seguem no mesmo patamar. É o caso dos autores deste ensaio.

A seguir, pretendo dialogar com as aproximações teórico-filosóficas de Harold Garfinkel e Simone de Beauvoir acerca da construção do gênero feminino e sua visão de Agência Feminina, mediados, a meu ver, pelas abordagens filosóficas de Merleau-Ponty em sua *Fenomenologia da Percepção*.

Garfinkel e Beauvoir estão em dois pontos justapostos. No primeiro há uma clara vinculação da identidade feminina por vias de corporificação. Já em Beauvoir, não há correspondência entre a mulher e seu corpo, afinal, ela não é um ser-para-si.

Seria possível, utilizar como chave analítica para compreender a relação entre estes dois trabalhos a ideia de que há uma relação entre corpo e mente como ambientes para a percepção? Esta correlação, enquanto construto analítico, se daria da seguinte forma: (1) a percepção Identidade-Mente, vista como interna e, depois a (2) a percepção Identidade-Papel, como externa. Ambas em constante diálogo intermitente, mas situacionalmente, dispostas em ambientes diferentes. O grande problema nos dois casos não é se o corpo pertence à alma, ou vice-versa. (Não é, propriamente, o que é mais importante.) Mas sim, perceber que em ambos os

relatados nestes estudos, está na dicotomização dos Inter lugares do gênero e da sexualidade. Apesar do peso estatístico e dos padrões de normalidade, impostos socialmente, a grande problemática está no deslocamento da identidade destes indivíduos no âmbito de um gênero dicotômico (pré-biológico-criacional) e na tentativa de indicações quanto às atividades sexuais condizentes ao gênero (e não nos

casos há uma situação mediada pela percepção, ora de um “eu”, ora de um “mim”. E, talvez, aí esteja o grande alicerce daquelas teorias de gênero. Ou se relacionam a um lado ou ao outro, sem conseguir se ambientar entre os dois.

A mulher, para Beauvoir, vive um eterno estado de confusão. Sua percepção da realidade é desfocada, muito em decorrência das ações (históricas) do homem e dela mesma, ao passo que não se reconhece como um “Um”, mas sempre como um “Outro”. A naturalização de um *ethos* feminino, isto é, o fato de as pessoas serem mulheres, por nascerem mulheres, é falseada. Primeiro, pela lógica biomédica de uma herança biológica imperativa que relega ao indivíduo um destino como a ideia de que “mulheres precisam engravidar” (penso aqui nas ideias que associam feminilidade à maternidade, p. ex.), logo, se não puderem engravidar, biologicamente falando, perdem o status de “mulheres” (o que ocorre muito entre as mulheres trans que são atacadas, injustamente, em suas posições sociais de mulheres devido a esse fator; depois, pela herança da criação/educação que socializa o indivíduo em um conjunto de papéis pré-determinados procurando especificar funções e comportamentos ao sexo de nascimento (p. ex., mulheres devem criar a prole e cuidar das tarefas domésticas, serem recatas, delicadas, etc.).

Para entender o comportamento dos indivíduos com gêneros dissidentes analisados, tanto por Beauvoir quanto

esqueçamos de suas ambientações com o corpo). Isto é, enquanto as categorias não comportarem a realidade observada – e não idealizada – as implicações das ações de mudança tendem a continuar sem um estabelecimento confiável de prognósticos e passíveis de erros fatais para a integração social dos indivíduos, nestas situações sujeitos.

por Garfinkel, proponho estabelecer uma aproximação com uma Teoria da Percepção, em conformidade com a filosofia de Merleau-Ponty (1999), como previamente exposto.

Agnes reflete sobre seu organismo e os vínculos dele com o meio ambiente, num processo de intencionalidade atuante. Tanto a Agnes de Garfinkel, quanto as lésbicas de Beauvoir, se relacionam com um corpo reflexivo e intersubjetivo. Ambos caminham com o objetivo de gerenciar o significado do Ser, particularmente, nos casos apresentados, do Agente enquanto Ser Feminino. Neles, a percepção ganha dimensão de consciência e interfere no corpo, na personalidade, na identidade e na própria situação de gênero\sexualidade. A imagem percebida de Agnes é enquanto “mulher com corpo de homem” ou das lésbicas como “homens sem pênis”.

As impressões sobre o corpo e suas relações com os indivíduos permeiam os dois autores. As impressões dos sentidos também são colocadas como elementos importantes para os dois chegarem a conclusões diferentes quanto à questão da constituição do gênero e de seu papel na constituição dos indivíduos de gênero dissidente ou da construção ou rejeição do feminino.

Merleau-Ponty (1999) situa a normalidade no ambiente da percepção do indivíduo. Agnes, em diversos

momentos, relata que só se percebe não-normal quando na presença de pessoas que conhecem seu passado e a interrogam sobre as questões de suas origens. Nos discursos de Agnes e das lésbicas sobre seus corpos, aparece a discussão fenomenológica de Merleau Ponty onde o corpo é um “veículo do ser-no-mundo”, e onde a dicotomia da filosofia clássica entre o corpo objeto e o corpo pessoal se reconfiguram: “[...] a mulher, como o homem, é seu corpo, mas seu corpo não é ela, é outra coisa.” (BEAUVOIR, 1949, p. 49). O mesmo ocorre com Agnes, que mente acerca da construção de seu corpo para findar esta dicotomia.

O raciocínio se equipara a sua análise do “membro fantasma” superando os limites tanto biológicos, quanto psicológicos na “presença efetiva de uma representação”. Entre ter o pênis (Agnes) e não o ter (Lésbicas), nós temos tanto a “representação da presença efetiva” quanto à “presença efetiva de uma representação”⁸. Ora, é a ambiguidade da presença-ausência que permeia o discurso dos personagens de Garfinkel e de Beauvoir. A intencionalidade das representações defendida por Husserl e retomada por Merleau-Ponty, obviamente – devido à herança fenomenológica – se encontra em Garfinkel, ao perceber as ações de Agnes que induzem a sua autorregulação do Ser e em suas escolhas de fala, vestes, gestos

⁸ Seguindo a lógica que Merleau Ponty descreve sobre o impacto de um membro fantasma, se enfatiza que a existência de algo pode independe de sua materialidade concreta. Isto é, a existência de algo toma corpo em uma dimensão de sentido na percepção do ser (do próprio ou dos outros que o observam). A presença efetiva é o produto material, ele pode existir e ser ignorado por completo como inexistente (como ocorre com o órgão de Agnes); em contraponto, mesmo sem ter o órgão, as, na época chamadas “lésbicas”, podem ter um pênis simbólico, assumindo a representação da presença efetiva dele, no andar,

no comportamento e nos atos decorrentes. Hoje essas pessoas não são mais vistas como “lésbicas”, mas como homens trans, intersex ou de gênero fluído, entre outras assertivas sobre suas identidades. A questão do debate é que Merleau Ponty nos ajuda a entender como essas dimensões de existência ou invisibilidade das coisas perpassa não sua materialidade objetiva, mas sua percepção simbólica sobre o sujeito e sua identidade. Porque a existência de algo é decorrente da percepção de que a coisa existe, independente de quaisquer outros aspectos.

e procedimentos. Sim, sabemos que Garfinkel foi enganado por Agnes. Por isso, a grande questão é saber em que medida ele reconhece ou sustenta a ideia de uma intencionalidade referente ao corpo de Agnes, tal como ele a apresentou em seus estudos, antes da cirurgia⁹.

O convencimento do outro, praticado por Agnes é a ponte para o convencimento de si mesmo, como fica claro no trabalho de Garfinkel. Mas, não fica distante nas descrições e ambientações das lésbicas de Beauvoir, particularmente quando se refere àquelas que copiam os homens (BEAUVOIR, 1949, p. 141) e estabelecem o mesmo princípio com o intuito de se aproximar de uma existência externa como ponte para uma existência interna. Ao que tudo indica, a descrição que o indivíduo faz de seus “Esquemas Corporais” (noção oriunda da medicina, passada para a psicologia e adotada na filosofia de Merleau-Ponty) em mediação com suas identidades de gênero e sexuais, estão presentes em ambas as interpretações. Tanto Garfinkel, quanto Beauvoir resgatam a importância dos Esquemas Corporais no destrinchamento de seus problemas-objetos, de tal maneira que sentir as descrições do corpo se torna perceber o corpo e suas implicações¹⁰. Em outros termos: é pela aparência do corpo e suas modificações que o gênero se processa e se faz perceber. Essa dimensão é essencial e aparece em ambos os trabalhos analisados e nos ajuda a entender todo o debate contemporâneo das teorias queer e a necessidade de

validação das alterações corporais solicitadas pelas pessoas trans (e intersexuais). Parece, portanto, não ser possível discutir a agência do gênero sem a mediação dos corpos das pessoas. A mudança precisa ser materializada para ser percebida como existente. O que Garfinkel e Beauvoir discordam é a ordem dessa mudança: se ela começa na mentalidade interna e afeta a mudança externa do corpo ou, ao contrário, parte das alterações externas, afetando a mentalidade e a autopercepção, respectivamente.

A percepção ocorre, para Merleau-Ponty, quando se estabelece uma relação interior-exterior e que, apesar disso, dificilmente se torna explícito. Quando este filósofo afirma que é através da percepção que se chega ao conhecimento, encontramos nas descrições dos casos clínicos de Agnes e das Lésbicas, o espaço por onde esta teoria se concretiza.

Quando Beauvoir (1949, p. 142) contextualiza a lésbica “[...] mesmo adaptando-se mais ou menos exatamente a seu papel passivo, a mulher é sempre frustrada como indivíduo ativo. Não é o órgão da posse que ela inveja no homem: é a presa”. É sua função social. Seu status ou em outros termos, de seu papel social. Apesar que, no trecho acima, Beauvoir não enfatizar as necessidades de extensão do corpo por parte das lésbicas, ela reconhece como é recorrente entre elas, a necessidade de se expressar pelo corpo masculino em outro momento (BEAUVOIR, 1949, p. 152)¹¹. As mesmas considerações recaem sobre a

autores e seus dados empíricos em torno da tentativa de discutir a agência feminina.

¹⁰ Isso será esclarecido de maneira mais evidente nos estudos de Judith Butler (2003) em torno do conceito de performatividade de gênero mediada pelos esquemas corporais.

¹¹ Retome a citação já apresentada antes de Beauvoir (1949, p. 159ss).

⁹ Compreendo que postular uma relação entre Garfinkel e Merleau-Ponty via uma fenomenologia Husserliana não seria suficiente para demonstrar que Garfinkel transcende a dicotomia corpo-mente. (Nem Husserl faz isso, por conseguinte). O objetivo é ter uma ponte analítica que nos permita dialogar entre os

Agnes nas conversações de Garfinkel. Sua mudança corporal e a secção do pênis se faz necessária para efetivar sua essência feminina (construída na mentalidade de cada um deles). Neste momento, o corpo biológico é uma ponte para o corpo social. E, ambos os autores, ao que parece, terminam por rejeitar a existência de essência feminina *in natura*, como o senso comum defende, seja pela construção mimetizada na Agnes de Garfinkel, seja pela exclusão dela nas lésbicas de Beauvoir.

Beauvoir ao colocar a noção de essência feminina como algo existente a partir da adoção da noção de masculinidade (o “outro”), seja nas primeiras ações feministas, seja na constituição estereotipada das lésbicas, aproxima-se, tangencialmente, da afirmação da feminilidade enquanto criação masculina, do homem e para o homem, por parte dos grupos dominantes da sociedade e não distante – apesar da ausência de declaração – das descrições de construção de feminilidade de Agnes, feita por Garfinkel. Isto é, em ambos os casos percebemos como o indivíduo desenvolve estratégias de feminilização que compõem a Agência Feminina.

Comentários finais

Parece haver uma situação complexa no qual, se considera a seguinte digressão: se a adoção da masculinidade implica ausência de autonomia feminina, a agência feminina não existiria enquanto tal. Por outro lado, nota-se a posição extremamente conservadora de Beauvoir em relação à homossexualidade feminina que termina sendo vista como consequência da falta de autonomia das mulheres na construção de uma sexualidade dissidente em relação à

heteronormatividade. É preciso, nesse momento, fazer uma ressalva: as considerações de Beauvoir eram prototípicas e foram bastante discutidas na literatura e nos estudos que se desenvolveram ao longo do tempo em torno dessa percepção ser realmente necessária. A alteridade da lésbica não poderia, portanto, perpassar por essas questões de associação à feminilidade ou à masculinidade.¹²

Em ambos, Beauvoir e Garfinkel, a perspectiva Sartreana se reacende. O outro não se autodefine, ele é construído pelo olhar do Outro-outro. Isto é, é através da interação entre os indivíduos que a identidade e autopercepção se constroem por vias de um movimento reflexivo. Tanto a Agnes de Garfinkel quanto as Lésbicas de Beauvoir, fazem referência à construção da feminilidade mediada pela internalização das normas que gerenciam a vida social e enfatizam o “Ser Mulher” ou “Agir Feminino”.

Uma “segurança ontológica”, conforme definido por Giddens (1991), é obtida pelos movimentos de repetição (das estratégias de feminilização) por parte dos agentes interessados (no nosso caso, Agnes e as Lésbicas, mas também toda mulher que queira ser identificada socialmente como “Mulher”) desenvolvendo o que viria a ser visto como um processo de padronização de condutas para uma Agência Feminina.

Tanto em Beauvoir quanto em Garfinkel encontramos uma perspectiva de base fenomenológica e existencialista que alimenta o papel da percepção na identificação (ao gosto de Merleau-Ponty) e constituição da consciência do indivíduo em um processo de autopercepção. Na primeira (as lésbicas

¹² Essas considerações de contestação e de compreensão das condições históricas e sociais do trabalho de Beauvoir podem ser conferidas

nos trabalhos das pesquisadoras Simons (1995), Chaperon (1999) e Candiani (2019), entre outras.

de Beauvoir), quando “eu sei que sou eu, porque eu não sou você”, por isso uma percepção externa-interna (e por isso o Eu como o Outro); já no segundo (a Agnes de Garfinkel), algo como “eu sei que sou eu, porque eu sou você” e, portanto, uma percepção interna-externa (a mudança do Eu, iniciada internamente, é mediada, necessariamente, por uma mudança externalizada e a partir das mimeses das construções sociais).

Referências

ARMITAGE, Leia Kaitlyn. Truth, Falsity, and Schemas of Presentation: A Textual Analysis of Harold Garfinkel's Story of Agnes. **Electronic Journal of Human Sexuality**, 4, 29 abr. 2001. Disponível em: <http://www.ejhs.org/volume4/agnes.htm>. Acessado em: 26.04.2011

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: a Experiência vivida**. Vol. 2, São Paulo: Difel, 1949.

BENTO, Berenice. **A (re)invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDIANI, Heci Regina. O que pode ser criticado nas críticas a O Segundo Sexo? **Cadernos Pagu**. n.56, Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2019, pp. 01-25. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/ZGWJ3v9GNB3DNGSqPLQ8YHp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 maio 2021.

CHAPERON, Sylvie. Auê sobre O Segundo Sexo. **Cadernos Pagu**. n.12, Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 1999, pp.37-53. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634461>. Acesso em: 13 maio 2021.

FRANCIS, Becky. Beyond postmodernism: feminist agency in educational research. In FRANCIS, Becky; SKELTON, Christine (Orgs.). **Investigating Gender. Contemporary perspectives in education**, Londres: Open University Press, 2001, 65-76.

GARFINKEL, Harold. **Estudios en Etnometodología**. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; México: UNAM. Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades; Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2006.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

MAGALHÃES, Maria José. Em torno da definição do conceito de agência feminista. **Ex aequo**, 7, 2003. 189-198. Disponível em: www.fpce.up.pt/ciie/pubs/artigos/mjm/mjm_agencFeminisexaequo.pdf. Acessado em: 10.07.2011.

MARX, K. **O Capital**. Livro I, v. 1 e 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NELSON, Julie. Feminism and Economics. **Journal of Economic Perspectives**, vol. 9 nº 2. p. 131-148, 1995. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.9.2.131>. Acessado em: 10.07. 2011.

RITZER, George. **Teoria Sociológica Contemporânea**. Madri: McGraw Hill, 1993.

SCOTT, John. **Sociology, The Key Concepts**. Londres: Routledge, 2006.

SIMONS, Margaret A. (ed.). **Feminist Interpretations of Simone de Beauvoir**. University Park, PA: The Pennsylvania University Press, 1995.

TURNER, Bryan S. (org.). **The Cambridge Dictionary of Sociology**. Cambridg: Cambridge University Press, 2006.

Recebido em 2021-04-22
Publicado em 2022-01-01